

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

CHARLENE CARVALHO SOARES

LINGUÍSTICA DOCUMENTÁRIA, LINGUAGEM DOCUMENTÁRIA

RIO DE JANEIRO

2019

CHARLENE CARVALHO SOARES

LINGUÍSTICA DOCUMENTÁRIA, LINGUAGEM DOCUMENTÁRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Orientador (a): Professora Maria de Fátima de Sousa Oliveira Barbosa

RIO DE JANEIRO

2019

Ficha catalográfica

Charlene, Carvalho Soares

Linguística Geral: interseções e contributos para a Análise Documentária/ Charlene Carvalho Soares. –

Rio de Janeiro: C. Carvalho Soares, 2019.

41 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Biblioteconomia com Gestão de Unidades de Informação/ UFRJ

Orientadora: Barbosa, Maria de Fátima Sousa de Oliveira

Bibliografia

1. Linguística 2. Linguística Documentária 3. Linguagem Documentária 3. Análise Documentária


I. Soares, Charlene Carvalho II. Título

CHARLENE CARVALHO SOARES


LINGUÍSTICA DOCUMENTÁRIA, LINGUAGEM DOCUMENTÁRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Rio de Janeiro, 15 de Julho de 2019.


Prof.ª Dra. Maria de Fátima Sousa de Oliveira Barbosa (UFRJ)
Orientador (a)


Prof.ª Dra. Ana Senna (UFRJ)
Membro interno


Prof.ª Dra. Raimunda Fernanda dos Santos (UFRJ)
Membro interno

AGRADECIMENTOS

À Prof. Dra. Maria de Fátima de Sousa Oliveira Barbosa, querida orientadora e amiga, por compartilhar seu conhecimento e experiência, por acreditar em mim e no meu trabalho e por todo incentivo no desenvolvimento de minha carreira acadêmica.

Às professoras Ana Senna e Fernanda Santos pelas valiosas contribuições para o desenvolvimento desse trabalho.

À querida professora Maria das Graças Freitas Souza Filho pela confiança e apoio e incentivo a minha carreira acadêmica.

À minha Mãe, a quem dedico esse trabalho, por todo amor, apoio e confiança. Ao meu pai Humberto Cerqueira Soares e aos meus queridos irmãos Anderson e Deivisson, por todo amor e confiança inabaláveis.

Aos amigos Aline Santiago, Ítala Barros, Gabriele Rodrigues, Isabela Franco e Paulo Martins pela amizade, carinho, apoio e por estarem ao meu lado nessa jornada.

“O conhecimento é como um jardim: se não for cultivado, não pode ser colhido!”
(Provérbio Africano).

RESUMO

O estudo analisa as contribuições da Linguística Geral (LG) para a Biblioteconomia, abordando as inter-relações desta com a Linguística Documentária (LD), tendo em vista a interdisciplinaridade dos campos. Analisa-se os principais trabalhos produzidos sobre as temáticas relacionadas expondo os conceitos, objetivos e funções destas, suas inter-relações e interseções e, por fim, apresenta-se os principais contributos da Linguística Geral para o Campo da Ciência da Informação (CI). Para o desenvolvimento do trabalho utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica e descritiva de cunho exploratório, visando alcançar os objetivos pretendidos. A metodologia se apoia na análise de conteúdo para dar conta das preleções sobre a temática. Optamos por trabalhar com a produção bibliográfica do Grupo Temma, principal grupo de pesquisa voltado para a área da organização da informação e do conhecimento, com destaque para o campo da Análise Documentária, constituído por pesquisadores da ECA (Escola de Comunicação e Artes) da USP (Universidade de São Paulo), recuperados através do Portal de Periódicos da Capes e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), bem como com a bibliografia internacional de referência sobre o assunto, a saber, Escola Francesa. Como resultado da pesquisa foi possível, além de constatar as relações entre os campos pesquisados, apontar as contribuições da Linguística geral que fornece as bases para os campos da Linguística Documentária, linguagem documentária e análise documentária, possibilitando uma melhor compreensão dos processos que envolvem a organização, disseminação e recuperação da informação.

Palavras-chave: Linguística Geral. Biblioteconomia. Linguística Documentária. Linguagem Documentária. Análise Documentária

ABSTRACT

The study analyzes the contributions of the General Linguistics (LG) to Librarianship, addressing its interrelations with Documentary Linguistics (LD), in view of the interdisciplinarity of the fields. It analyzes the main works produced on the related themes exposing the concepts, objectives and functions of these, their inter-relations and intersections and, finally, the main contributions of General Linguistics for the Field of Information Science (CI). For the development of the work, a bibliographical and descriptive research of an exploratory nature was used as methodology, aiming to reach the intended objectives. The methodology is based on the analysis of content to give an account of the lectures on the subject. We chose to work with the bibliographic production of Grupo Temma, the main research group focused on the area of information and knowledge organization, with emphasis on the field of Documentary Analysis, made up of researchers from ECA (School of Communication and Arts) of USP (University of São Paulo), retrieved through the Portal of Periodicals of Capes and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), as well as with the international reference bibliography on the subject, namely the French School. As a result of the research, it was possible to ascertain the relationships among the fields surveyed, to point out the contributions of General Linguistics that provides the bases for the fields of Documentary Linguistics, documentary language and documentary analysis, allowing a better understanding of the processes that involve the organization, dissemination and retrieval of information.

Keywords: General Linguistics. Librarianship. Documentary Linguistics. Documentary Language. Documentary Analysis

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fluxograma de apresentação do trabalho.....	11
Figura 2 – Modelo para construção do conceito.....	14
Figura 3 – Triângulo do conceito, a representação formal da unidade de conhecimento.....	15
Figura 4 – Correntes de estudos da linguística documentária.....	22
Figura 5 – Processo de Análise Documental.....	24
Quadro 1 – Relações lógicas – características comuns.....	15
Quadro 2 – Diferença entre Linguagem Natural, Linguagem Artificial e Linguagem Documentária.....	33
Quadro 3 – Itens recuperados nas bases de dados da Capes e BDTD.....	40

LISTA DE SIGLAS

AD: Análise Documentária

CI: Ciência da Informação IR

Ld: Linguagem Documentária

LD: Linguística Documentária

LN: Linguagem Natural

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	LINGUÍSTICA GERAL, LINGUÍSTICA DOCUMENTÁRIA, ANÁLISE DOCUMENTÁRIA: INTERSEÇÕES DE SABERES	12
2.1	TEORIA DO CONCEITO.....	14
2.2	LINGUAGEM E DOCUMENTO.....	17
2.3	LINGUÍSTICA DOCUMENTÁRIA.....	20
2.4	ANÁLISE DOCUMENTÁRIA.....	21
2.5	LINGUAGEM DOCUMENTÁRIA.....	31
2.6	LINGUÍSTICA E ANÁLISE DOCUMENTÁRIA.....	35
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	39
3.1	CONTEXTO DA PESQUISA	39
3.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	39
3.3	TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	40
3.4	SELEÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA	41
4	ANÁLISE DE DADOS.....	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho traz discussões sobre as inter-relações da Linguística, como Ciência, com a área de Ciência da Informação e Documentação a partir da década de 1990, quando surgem novas e diferentes metodologias para o tratamento da linguagem documentária com vistas à recuperação eficiente da informação. Neste contexto surge a Linguística Documentária (LD), subcampo da Ciência da Informação (GARCIA GUTIÉRREZ, 1990) com o objetivo de estabelecer normas e modelos para o tratamento da informação no ciclo: organização, disseminação e recuperação da informação.

Em termos mais específicos, este estudo busca tornar mais claro e consensual os conceitos de Linguística Documentária (LD) e de Linguagem documentária (Ld) e outros termos correlatos, bem como as inter-relações, intercessões e contribuições da Linguística Geral (Saussure) para instrumentos e processos na Biblioteconomia e na Ciência da Informação (CI).

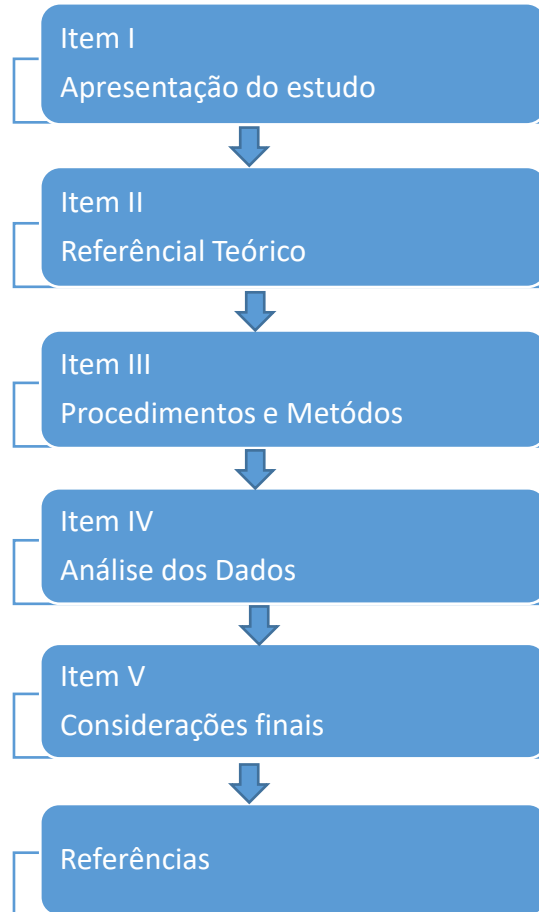
Para isso, e dentro do escopo de um trabalho de conclusão de curso, que traz em si suas próprias limitações acadêmicas, serão abordados os estudos sobre as contribuições das principais teorias, os objetivos, funções e a contribuição da Linguística Geral para a Linguística Documentária, bem como os contributos desta para a análise documentária e as linguagens documentárias no processo de produção, organização, representação, disseminação e recuperação da informação.

Para empreender este trabalho, foram utilizados métodos e técnicas de pesquisa iniciando-se pela revisão de literatura, tanto em Linguística Geral quanto em Linguagem Documentária, com objetivo de descrever as correntes que abordam os assuntos do campo, de observar as correlações entre as duas áreas e de buscar distinguir as definições utilizadas nos campos correlatos. Nas buscas no Portal de Periódicos Capes e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e, também, em sites do Google, percebeu-se que há variações conceituais em torno do sintagma “linguística documentária”, confundindo-se ora com linguagem ora com linguística. Dessa forma, este trabalho se justifica pela necessidade de trazer à luz as diferenciações e elucidação entre os termos Linguística Documentária, linguagem documentária e análise documentária e suas diferenças entre os campos da Terminologia, Documentação e da Linguística Documentária para que alunos de graduação dos cursos de Biblioteconomia tenham uma visão mais clara desses termos e onde são utilizados.

Para demonstrar essas questões, a pesquisa está estruturada a partir do capítulo acima, Apresentação, no Referencial Teórico do capítulo 2, na Metodologia descrita no capítulo 3, pela Análise de dados no capítulo 4, pelas Considerações na qual apresentam-se as contribuições da

autora do trabalho e, finalmente, pelas referências utilizadas na pesquisa. A figura abaixo mostra o fluxo que seguiremos para a apresentação desse estudo.

Figura 1 - Fluxograma de apresentação do trabalho



Fonte: A autora (2019)

No capítulo a seguir, apresentaremos os conceitos e aplicabilidades da Linguística Geral de Saussure; da Linguística Documentária proposta por Garcia Gutiérrez; da Linguagem documentária e Análise Documentária apresentada por Gardin, bem como as contribuições da Linguística para organização da informação e do conhecimento através das suas inter-relações com estes campos.

2 LINGUÍSTICA GERAL, LINGUÍSTICA DOCUMENTÁRIA, ANÁLISE DOCUMENTÁRIA: INTERSEÇÕES DE SABERES

Para Saussure, a Linguística nasce do estudo das línguas românicas e germânicas com os trabalhos iniciados por Diez, que produziu a *Gramática das Línguas Românicas* (1836-1838). O trabalho de Diez teve grande importância, pois contribuiu para delinear o objeto de estudo do campo (SAUSSURE, 2006). “A Linguística tem relações bastante estreitas com outras ciências que tanto lhe tomam emprestados, quanto lhe fornecem dados” (SAUSSURE, 2006, p. 13) e, complementando, “as questões de Linguística interessam a todos – historiadores, filólogos etc. - que tenham que manejar textos” (2006, p. 14). Segundo Saussure, as seguintes atividades são próprias da Linguística:

- a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas mães de cada família; b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história; c) delimitar-se e definir-se a si própria. (SAUSSURE, 2006, p.13).

Essa perspectiva conduz à reflexão de que a Linguística pode contribuir com a área da Biblioteconomia e a Ciência da Informação. Particularmente no caso da LD, que faz a tradução do texto em linguagem natural para linguagem controlada, é importante ressaltar o que postula Saussure: “precisamos recorrer ao testemunho escrito” (2006, p. 33) pois, por ser a língua estranha ao processo da escrita “é impossível fazer abstração dum processo por via da qual a língua é ininterruptamente representada, cumpre conhecer a utilidade, os defeitos e os inconvenientes de tal processo”. (SAUSSURE, 2006, p. 33).

Outra contribuição de Saussure para reflexão de profissionais da informação (os analistas de documentos) diz respeito aos sistemas de representação da linguagem escrita. De acordo com Saussure, existem dois sistemas de escrita, que se situam no âmbito da linguagem natural: o ideográfico e o fonético. O primeiro, é representado por um único signo; o segundo, reproduz os sons que se sucedem na palavra. No que diz respeito à Linguística Documentária, estamos diante de outra linguagem: a linguagem artificial, resultado da tradução da linguagem natural para o vocabulário controlado. A linguagem documentária é constituída, então, de signos linguísticos, trazendo em sua concepção as características apontadas por Saussure: arbitrariedade e linearidade. Por arbitrariedade, entende-se o resultante da associação de um significante com um significado. No caso da linguística documentária, o significado são os conceitos atribuídos e o significante a imagem (ideia) desses conceitos.

A Linguística ocupa, então, papel fundamental na organização da informação e do conhecimento, uma vez que fornece instrumentos essenciais para o processo de tratamento da informação (ALMEIDA, 2011). O autor salienta que a ligação entre as duas áreas é evidente, uma vez que para a Ciência da Informação a linguagem, substrato em que se ocupa a linguística, é o “primeiro meio de comunicação da informação” (ALMEIDA, 2011, p. 89). Para Almeida (2011), assim como para Garcia Gutiérrez (1998), a organização da informação e do conhecimento fundamentam-se a partir da Linguística que apresenta os principais conceitos para a análise documentária: as noções sobre signo, linguagem e representação, além de fornecer as bases para a Linguística Documentária, responsável pela elaboração de normas para a estruturação de linguagens documentárias ou de indexação, sistemas de classificação e suas relações (ALMEIDA, 2011, p.89). O autor destaca como eixo das relações entre o campo da Linguística e da organização da informação e do conhecimento a Análise Documentária, enquanto atividade prática e reflexiva, devido às peculiaridades dos problemas em que se ocupa e as soluções que demanda (ALMEIDA, 2011). A atividade de Análise Documentária, entendida como tratamento das características físicas e do conteúdo dos materiais informacionais, de acordo com autor, corresponde a maior parte das relações entre os campos da Linguística e da Ciência da Informação (ALMEIDA, 2011).

Mendonça (2000) e Molina (1993) apontam evidências sobre a dependência da Ciência da Informação à Linguística, uma vez que aquela recorre a esta em busca de soluções para problemas informacionais, especialmente na atividade de análise documentária.

Nessa mesma perspectiva, para Lara e Tálamo (1997) a fonte da Linguística Documentária é a ciência da linguagem. As autoras afirmam que o campo teria como característica principal a interdisciplinaridade, uma vez que se desenvolve a partir da Linguística, Semiótica, Lógica formal e da Terminologia (TÁLAMO; LARA, 2006).

Entretanto, não há consenso quanto à interdisciplinaridade entre a Linguística e a Ciência da Informação, como destaca Almeida (2011) em suas pesquisas. Mas, essa discussão não cabe no escopo desse trabalho.

Para que possamos apontar as interações e contribuições da Linguística para a Análise Documentária faz-se mister descrever os conceitos, etapas e procedimentos da análise do conteúdo informacional.

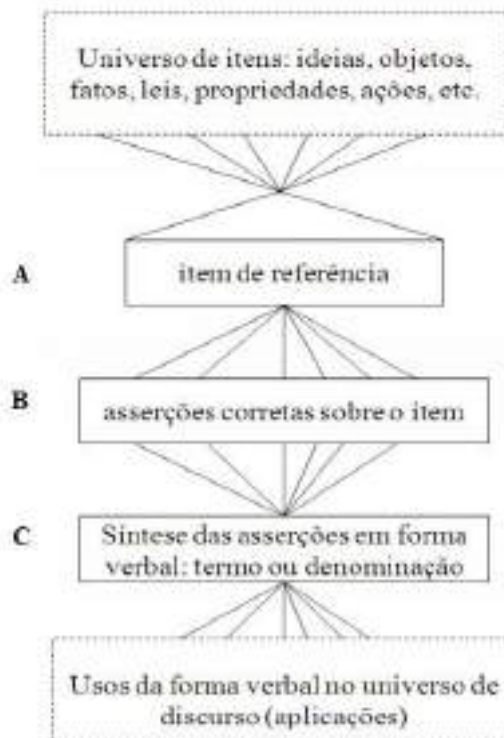
2.1 TEORIA DO CONCEITO

A teoria do conceito proposta por Dahlberg (1978) permite um controle mais eficiente da Linguagem, contribuindo para a organização e disseminação da informação, uma vez que esta possibilita uma representação da informação de maneira mais precisa e consistente.

Dahlberg (1978), define conceito como: “uma unidade de conhecimento, compreendendo afirmações verdadeiras sobre um dado item de referência, apresentado na forma verbal”. Para a autora, o conceito é a soma de todas as características de um determinado objeto, logo sua extensão é a soma de todos os conceitos mais específicos deste.

A autora afirma que o conceito é produzido em virtude das qualidades atribuídas a determinado objeto de interesse denominado de referente, sendo assim, as afirmações verdadeiras são elementos que expressam características sobre o objeto de referência, este por sua vez mantém relações entre as afirmações e a forma verbal alcançando o referente. A forma verbal expressa pelo termo é a síntese do conceito que se quer representar (DAHLBERG, 1978). A seguir apresenta-se o modelo proposto pela autora para a construção de conceitos.

Figura 2 - Modelo para construção do conceito



Fonte: Dahlberg (1978, p. 143)

De acordo com o esquema apresentado, cada afirmação correta sobre A produz um elemento de conhecimento sobre A e a soma total de afirmações corretas sobre A fornece à unidade de conhecimento sobre A (DAHLBERG, 1978, tradução nossa).

Na figura a seguir denominada de “Triângulo do conceito” elaborada por Dahlberg é possível verificar as relações explicitadas entre predicação (B, A), designação (B, C) e denotação (C, A) (DAHLBERG, 1978).

Figura 3 - Triângulo do conceito, a representação formal da unidade de conhecimento.



Fonte: DAHLBERG (1978, p. 144)

2.1.1 Relações entre conceitos

De acordo com Dahlberg (1978), quando dois conceitos diferentes apresentam uma ou mais características em comum é possível concluir que os mesmos apresentam relações entre si.

Relações lógicas

Dahlberg (1978) afirma que as relações lógicas são aquelas baseada em características comuns. O quadro apresenta os tipos de relações lógicas.

Quadro 1 – Relações lógicas - características comuns

identidade A (x, x, x) B (x, x, x)	As características são as mesmas;
implicação A (x, x) B (x, x, x)	O conceito A está contido no conceito B;
intersecção A (x, x, o) B (x, o, o)	Os dois conceitos coincidem algum elemento;
disjunção A (x, x, x) B (o, o, o)	Os conceitos se excluem mutuamente. Nenhuma característica em comum;
negação A (x, x, o) B (o, x, o)	O conceito A inclui uma característica cuja negação se encontra em B.

Fonte: Elaborado pela autora com base nas ideias de Dahlberg (1978).

Segundo a autora, a partir destes tipos de relacionamentos é possível realizar comparações entre os conceitos com o objetivo de organizá-los em sistemas de organização do conhecimento. Eles podem ser aplicados nos seguintes tipos de relacionamento semântico entre os conceitos:

- relação hierárquica (implicação)
- relação partitiva
- relação de oposição (negação)
- relação funcional (intersecção)

Relações hierárquicas

“Se dois conceitos diferentes possuem características idênticas e um deles possui uma característica a mais do que o outro, então entre eles se estabelece a relação hierárquica ou relação de gênero e espécie” (DAHLBERG, 1978, p.104). Dessa forma, podemos inferir que existem conceitos mais amplos ou mais restritos e conceito superior e inferior, sendo o conceito superior mais genérico e o inferior é mais específico. A autora dá exemplo do termo macieira que pode ser considerado um conceito mais amplo ou superior ao de árvore frutífera que é mais genérico ainda, ou ainda o conceito de árvore (DAHLBERG, 1978).

Relações partitivas

A relação partitiva se dá entre o todo e suas partes, ou seja, de um objeto e suas partes constituintes. Por exemplo, árvore - raízes, tronco, galhos, folhas, flores, frutos (DAHLBERG, 1978).

Relação de oposição

São relações contrárias ou de contradição, a exemplo, numérico — não numérico presente — ausente contrariedade, branco — preto (DAHLBERG, 1978).

Relações funcionais

É possível observar que as relações abstrativas e as relações partitivas são voltadas a conceitos que representam objetos, enquanto as relações de oposição se referem a conceitos que expressam propriedades. As relações funcionais são voltadas a conceitos que exprimem processos. Segundo Dahlberg (1978) é possível identificar as características semânticas das relações entre conceitos a partir das chamadas valências semânticas dos verbos e de seus respectivos complementos (DAHLBERG, 1978), tal como no exemplo: produção - produto - produtor - comprador medição — objeto medido — fins da medição — instrumento de medição — graus de medição.

2.2 LINGUAGEM E DOCUMENTO

Nessa pesquisa, o foco volta-se para a Análise Documental, mas para melhor entendimento, principalmente para alunos de graduação, apresentaremos uma breve visão dos conceitos de linguagem e documento, uma vez que a atividade de Análise Documentária centra-se em questões voltadas para ambos os conceitos.

O Dicionário Aurélio define linguagem como: 1. O uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre pessoas. [...] 3. O vocabulário específico usado numa ciência, numa arte, numa profissão, etc. [...]. (FERREIRA, 1999).

O Dicionário de Linguística define linguagem como:

a capacidade específica à espécie humana de comunicar por meio de um sistema de signos vocais (ou língua), que coloca em jogo uma técnica corporal complexa

e supõe a existência de uma função simbólica e de centros nervosos geneticamente especializados. (DUBOIS, 2014, p. 387)

Essa definição nos põe ao lado da linguagem natural, aquela produzida pelos seres humanos na escrita ou na fala (LANCASTER, 2004). Além da linguagem natural, existem outras formas de linguagem: a linguagem formal, as linguagens convencionais, as linguagens derivadas. Mas, a linguagem natural é voltada sobretudo para a predicação, para a referência ao mundo e para a infinita diversidade das situações. De acordo com Martin (2003, p. 107-108), “a linguagem formal (lógica, matemática) é um puro artefato, construído por meio de definições *a priori*; os objetos são construídos e esses objetos são aquilo que o lógico ou professor quer que eles sejam”. O autor complementa ainda: “as linguagens convencionais também são objetos construídos e o conteúdo de seus signos é determinado por convenções explícitas” sendo, portanto, invariável (MARTIN, 2003, p. 108). Exemplo disso é uma placa de trânsito.

Antes de entrar nas definições de linguagem documentária, é necessário esclarecer o que é Documentação e os conceitos de ‘documento’ para a área de Biblioteconomia.

O termo Documentação foi cunhado por Otlet em 1903 para designar o conjunto dos documentos e a função de documentar, objetivando informar. Ela abrange todos os meios de representação e reprodução do pensamento, ou seja, todos os suportes em que possam ser representadas as produções humanas (OTLET, 2018). Otlet destaca que o objetivo da documentação organizada é de poder oferecer:

[...] sobre qualquer espécie de fato e de conhecimento informações documentadas: 1º universais quanto ao seu objeto; 2º corretas e verdadeiras; 3º completas; 4º rápidas; 5º atualizadas; 6º fáceis de obter; 7º reunidas antecipadamente e preparadas para serem comunicadas; 8º colocadas à disposição do maior número possível (OTLET, 2018, p.5).

A atividade de organização de documentos denominada de Bibliografia remonta à antiguidade, na Inglaterra. O primeiro trabalho de compilação bibliográfica relevante foi desenvolvido pelo alemão Konrad Gesner, no final do século XV. Posteriormente, o suíço Johann Trithem realiza a primeira tentativa de estabelecimento de uma bibliografia universal, na década 1550 (ORTEGA, 2004).

A Documentação surge a partir século XV com o aumento crescente da produção de catálogos de bibliotecas particulares e bibliografias especializadas. A partir do final do século XVI estudiosos europeus passaram a se ocupar da sistematização desse grande volume de

índices catalográficos e bibliográficos, nesse momento surgiram as bibliografias comerciais e, mais tarde, as bibliografias nacionais (ORTEGA, 2004).

Em 1791, a partir da Revolução Francesa, a França estabeleceu o primeiro código nacional de catalogação e passou a utilizar catálogos e fichas catalográficas. Apesar do pioneirismo francês, até o ano de 1840, poucas eram as bibliotecas que estavam completamente catalogadas ou utilizavam índices de assuntos em seus acervos (ORTEGA, 2004).

Posteriormente, em 1841, no Reino Unido Anthony Panizzi publica as “91 regras de catalogação”, que fundamentará as bases da catalogação. Entre as regras propostas, a utilização de catálogos de autor e assunto, contribuindo para o aperfeiçoamento das bibliografias (ORTEGA, 2004).

Já em 1850, o americano Charles Jewett, da Smithsonian Institution, propõe a criação de um centro nacional de bibliografia e documentação que será alimentado por meio de um catálogo coletivo do acervo das bibliotecas públicas do país. Mais tarde, em 1876, Melvil Dewey lança a edição de sua Classificação Decimal, primeiro sistema de classificação a ser amplamente difundido e utilizado atualmente. No mesmo ano, Charles Ami Cutter publicou um código de catalogação de Dicionário, com informações sobre os objetivos da publicação (ORTEGA, 2004).

No final do século XIX, as Instruções Prussianas de Catalogação, publicada na Alemanha em 1886, a partir da compilação do trabalho de Carl Dziatzko, passam a ser utilizadas também pela Holanda, Dinamarca, Hungria, Áustria e Noruega (ORTEGA, 2004).

No início do século XX, a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos conduziu um trabalho de organização bibliográfica que buscou padronizar a catalogação dos itens a partir da distribuição de fichas catalográficas impressas padronizadas (SHERA; EGAN, 1961; FAYET-SCRIBE; CANET, 2000 apud ORTEGA, 2004).

De acordo com Ortega (2004, p. 4), durante mais de quatro séculos, a Documentação esteve unida à Biblioteconomia, uma vez que a ocupação quase que exclusiva durante esse período foi a Bibliografia, sendo “quase que sinônimo de Bibliografia”. Somente a partir 1895 a Documentação passa a se desenvolver enquanto campo de estudo independente, com os trabalhos desenvolvidos pelos advogados e bibliógrafos belgas, Paul Otlet e Henri La Fontaine. Em 1937 Paul Otlet publica o seu Tratado da Documentação. Otlet é considerado o fundador da Documentação e precursor da Ciência da Informação.

Ortega (2004) destaca as importantes contribuições de Otlet para o campo da Documentação como as antecipações tecnológicas, o uso de hipertextos e hiperlinks, ressaltando a atualidade de sua obra utilizada por pesquisadores na atualidade. O bibliógrafo

também apresentou grandes contribuições para o desenvolvimento da CDU (Classificação Decimal Universal) recurso que se tornou indispensável para a organização da informação em Unidades de Informação (OTLET, 2018).

Otlet (2018) define documento como qualquer item que tenha um valor probatório que comprove algo, livros, revistas, jornais, “reproduções gráficas de qualquer espécie”, objetos, figuras, ilustrações, a estampa, a fotografia, a medalha, partituras musicais, enfim, tudo pode ser documento. O documento “é uma obra feita pelo homem, o resultado de seu trabalho intelectual” (OTLET, 2018, p.11). Essa produção, quando multiplicada, tem caráter de objeto produzido pela civilização e que, portanto, atua sobre esta.

Já Briet (1951, p.7) utiliza a definição da *Union Française des Organismes de Documentation* que conceitua documentação como “toda base de conhecimento, fixada materialmente, suscetível de ser utilizada para consulta, estudo ou prova”.

A autora propõe uma atualização do conceito de documento que considera mais abstrata e mais acessível, segundo a qual documento é definido como “todo indicio concreto ou simbólico, preservado ou registrado com a finalidade de representar, de reconstituir ou de provar um fenômeno físico ou intelectual” (BRIET, 2016, p. 1).

2.3 LINGUÍSTICA DOCUMENTÁRIA

O campo da Linguística Documentária (LD) surge como um subcampo da Ciência da Informação em meio à necessidade de organizar os processos de produção, disseminação e recuperação da crescente massa informacional. Proposto inicialmente por García-Gutiérrez (1990), o seu principal objetivo é o de estabelecer normas e modelos de Análises Documentárias (AD) e de linguagem documentária (LD) através da elaboração de códigos (termos) para o processamento, produção e recuperação da informação. O autor busca na linguística as bases para fundamentação para esse novo campo e salienta a importância de se construir uma legítima teoria da documentação.

Tálamo e Lara afirmam que a Linguística documentária nasceu para responder a uma necessidade da área da Ciência da Informação, qual seja, “transformar conteúdo registrado em elemento estruturado” (TÁLAMO; LARA, 2006).

De acordo com Garcia Gutiérrez, o campo da Linguística Documentária:

se ocupa de organizar os procedimentos de captação da mensagem (leitura), as transformações resultantes da atividade anterior e a organização e estruturação de dispositivos de representação a fim de que a obtenção de

conhecimento se dê eficaz e satisfatoriamente (GARCIA GUTIÉRREZ, 1998, p.3).

A Linguística Documentária tem como objetos de estudo a estrutura da documentação, a organização, a codificação e a decodificação do conteúdo documentário a partir da estrutura cognitiva do produtor e interpretativa do consumidor, bem como, a linguagem como sistema, norma e manifestação, análise e recuperação documentária (GARCIA GUTIÉRREZ, 1990, p.24).

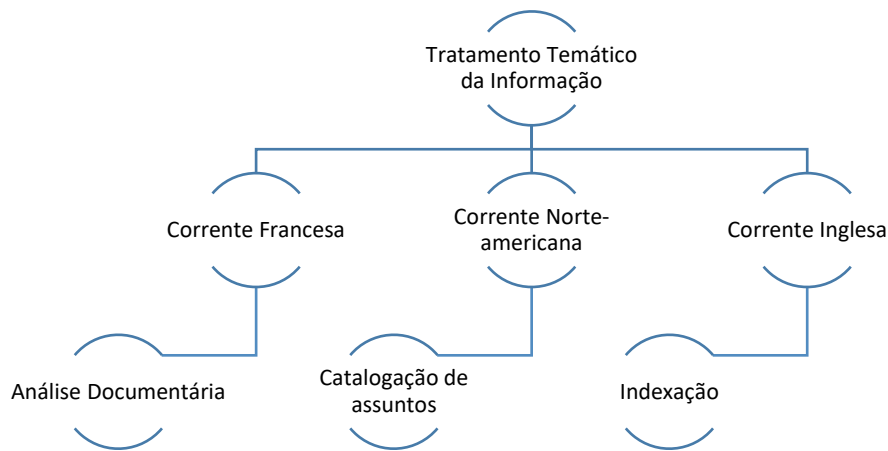
De acordo com Tálamo e Lara (2006, p. 206) cabe à Linguística Documentária propor diretrizes e oferecer referências para a análise, avaliação e construção da Linguagem Documentária concebida como uma linguagem de informação. Esta deve ter um caráter objetivo e funcionalista e deve agregar os níveis sintáticos, semântico e prático, identificando de forma clara “a inserção do signo” no contexto do sistema e funcional, projetando no espaço, tempo e cultura.

Garcia Gutiérrez destaca que na Linguística Documentária “o que prevalece nos níveis individual e coletivos é a mensagem veiculada pelo documento em seu grau de generalidade e a forma que esta adota, bem como as relações entre os elementos de um mesmo documento e entre a totalidade destes últimos [...]” (GARCIA GUTIÉRREZ, 1990, p. 24, tradução nossa). Para o autor, a estrutura da documentação como organização de conteúdo codificáveis e decodificáveis é o objeto da Linguística Documentária em dois aspectos: i) A Estrutura de produção de informação, a informação, a organização e apresentação de ideias pelo produtor como corpus de observação e descrição; ii) A Estrutura de representação do discurso do produtor que se acessa a partir de formulações metodológicas e modelos de síntese e tradução.

2.4 ANÁLISE DOCUMENTÁRIA

Esse campo de estudo é apresentando a partir de três vertentes teóricas: a *catalogação de assunto*, de origem estadunidense; a *indexação*, desenvolvida na Inglaterra, e a *análise documental*, corrente francesa (GUIMARÃES, 2009). A vertente focada na catalogação, que se desenvolveu a partir do final do século XX, e a voltada à indexação, desenvolvida a partir da metade do século XX, centraram-se no desenvolvimento de produtos como catálogos e índices e de instrumentos de Tratamento Temático da Informação, como tesouros e listas de cabeçalhos de assunto. Já a corrente francesa volta seus esforços para o campo da Análise Documental, que se desenvolve a partir da década de 1960, com os trabalhos de Jean-Claude Gardin e Coyaud, cujos trabalhos tinham ancoragem fundamentados na Linguística (GUIMARÃES, 2009).

Figura 4 – Tratamento da Informação - Correntes de estudos



Fonte: Elaborado pela autora com base nas ideias de Guimarães (2009).

Os estudos desenvolvidos por Gardin (1966, 1967, 1970, 1973, 1974, 1981) e Coyaud (1966) contribuíram para a elaboração de conceitos e métodos e para a padronização dos processos. Nesse sentido, Lara (2010, p.2) refuta a ideia de que as operações de organização da informação eram pautadas nas práticas empíricas e “no bom senso dos bibliotecários”, que utilizavam critérios subjetivos e pouco padronizados. Os estudos linguísticos possibilitaram uma melhor compreensão dos processos que envolvem a operação intelectual de representação do conteúdo informacional de um documento com vista à consulta e posterior recuperação de forma mais eficiente, através de produtos elaborados a partir da análise documental como os resumos e da indexação a partir dos conceitos-chave de conteúdo (CHAUMIER, 1982).

Fox (2005, p.22-23), baseado nos estudos de Pinto Molina (1992) e Ruiz Peres (1992), define a análise documental como um processo de distinção e decomposição das partes como um todo que é realizada a partir do “reconhecimento e do estudo de um documento” que ocorre em dois níveis: de forma, no que se refere à dimensão material do documento, e de conteúdo, relativa ao conteúdo informacional do documento, no que visa identificar as características de sua própria estrutura e elementos que possibilitem a recuperação da informação.

Já para Martinez de Sousa (1989, p.19) a análise documental é um “conjunto de operações realizadas para representar o conteúdo de um documento de forma distinta da original, com o fim de facilitar a consulta ou a recuperação da informação”. Esse processo abrange tanto a prática de descrição bibliográfica e a catalogação, quanto a indexação e a elaboração de resumos.

Fox (2005, p.23) corrobora o entendimento de Martinez Sousa (1989) sobre análise documental enquanto processo, destacando as suas etapas enquanto consecutivas, sendo a análise formal a etapa que precede a análise de conteúdo, por examinar elementos externos (ou de localização) do documento. Já a análise de conteúdo volta-se para elementos internos.

Martínez de Souza (1989) refere-se a conteúdo de forma genérica, abrangendo em todos os aspectos, tanto os temáticos quanto a forma física do documento. Tal concepção é sustentada por Coll-Vinent & Bernal Cruz (1990, p.108) que defende que o objetivo da análise documental é “extrair os elementos informativos de um documento original a fim de expressar seu conteúdo de forma abreviada, resultando na conversão de um documento primário em documento secundário”.

López Yepes (2004, p.51) utiliza a expressão análise de conteúdo para falar da análise de aspectos temáticos do documento, tendo em vista o fato de esta buscar fornecer informações que possibilitam a classificação ou indexação de um documento fundamentada em seus elementos textuais e não textuais permitem a extração de noções fundamentais e a categorização destas.

Contudo, salientando a conceito de sequência de operações, que consiste na extração de noções fundamentais do documento e a sua categorização para a representação e, conseqüentemente, recuperação, ressalta-se a importância de uma linguagem mediadora, podendo ser esta a própria linguagem natural de onde se extrai as palavras-chave ou, ainda, uma linguagem documentária onde retira-se notações classificatórias, cabeçalhos de assunto ou termos descritores.

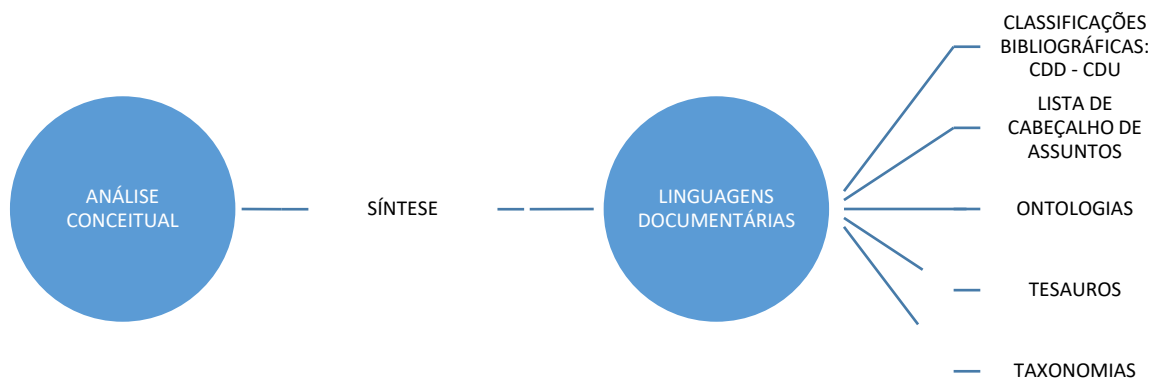
Fox (2005, p. 25-28) caracteriza a dimensão do conteúdo como um processo comunicativo, cujo conjunto de operações cognitivas de caráter analítico-sintético transforma, através do reconhecimento e representação do conteúdo ou de ‘classificação do conteúdo’ (CHAUMIER 1992), o documento original em outro mais exequível, proporciona especial suporte à pesquisa científica. Neste contexto, apresenta-se como resultado a produção de um novo documento, denominado por Fox (2005, p.25) como “documento secundário” ou, como prefere Kobashi (1994), “informação documentária” que, conforme a caráter da recuperação da informação, apresenta-se sob a forma de índice, abrangendo as notações classificatórias e os termos descritores, ou de resumo (DÉGEZ; MÉLLINET 2001, p.21).

Neet (1989, p.13) destaca a materialização do processo de análise temática, através da indexação sistemática ou alfabética e da Condensação do documento por meio de resumos. Já Maniez (2002, p.152) traduz essa mesma expressão através do índice que se refere a qualquer tipo de etiqueta que possibilita a recuperação de um certo documento pelo seu assunto.

A análise do conteúdo do documento possui característica seletiva, uma vez que se encontra alicerçada no critério da relevância temática do texto e pelos interesses de recuperação da informação (DÉGEZ;MÉLLINET, 2001). Esses aspectos são baseados nos critérios de pertinência, precisão e coerência apresentados por Coll-Vinent e Bernal Cruz (1990). A esses aspectos se soma como consequência o trabalho de tradução de conceitos em uma linguagem documental (CHAUMIER, 1982).

A partir dessa conjuntura, Gardin (1981) apresenta a análise documentária enquanto um processo sistemático e sequencial de procedimentos explícitos que objetiva a decomposição e a representação do conteúdo informacional dos documentos. Sendo que a apresentação dos procedimentos é o ponto mais importante da concepção de análise documental proposta por Gardin, que possui aportes interdisciplinares na Linguística e na Lógica e lança mão de um conjunto de ferramentas denominado Linguagem documentária. Veja a seguir no esquema o processo de Análise documental.

Figura 5 - Processo de Análise Documental



Fonte: Elaborado pela autora com base nas ideias de Guimarães (2009).

Chaumier (1982, p.27) salienta que é na análise documental, “enquanto análise de conteúdo sob a ótica do tratamento da informação com fins documentais”, que se encontra a origem dos problemas da área, uma vez que é a AD, que “condiciona o valor do sistema documental”, já que a eficiência do processo de recuperação da informação dependerá do conjunto de operações visando o tratamento da informação empregados no acervo documental. A análise documental, portanto, segundo Chaumier (1982, p.27), é uma “operação primordial sem a qual não é possível o efetivo uso da informação”, conquanto é na expressão de um conteúdo resumidamente e sem ambiguidades que se expressa a recuperação da informação (NEET, 1989; FOX, 2005).

Sendo assim, observa-se que alguns autores sob a perspectiva da escola inglesa estudam a indexação como operação do tratamento temático da informação, a saber, Foskett (1973); Cavalcanti (1982); Fujita (1988); Amaro (1991) e Lancaster (2004), entre outros.

Já os autores ligados à escola francesa percebem a análise documental enquanto área em que se insere a indexação, como processo de representação documental, sendo essa a fase final do tratamento documental. Nessa operação, são utilizadas como instrumento as linguagens documentárias com vista ao desenvolvimento de produtos documentais como índices, notações classificatórias, etc. Entre os autores que defendem essa linha Gardin (1981); Ruiz Perez (1992); Pinto Molina (1993) e Guimarães (2003).

Os autores ligados a corrente norte-americana desenvolveram seus estudos sob a perspectiva da catalogação de assunto (*subject cataloguing*). Essa vertente “decorreu diretamente dos princípios de catalogação alfabética de Cutter e da tradição de cabeçalhos de assunto da Library of Congress, cuja ênfase reside no catálogo enquanto produto do tratamento da informação em bibliotecas” (GUIMARÃES, 2009, p. 107). Entre os autores que se dedicaram a essa corrente destacam-se Cutter, Kaiser, Coates, Hope Olson, Sanford Berman.

Segundo Guimarães (2009) a influência da Linguística perpassa todo processo de análise documental de forma complexa. O autor afirma que a linguística estruturalista é que dá as bases para que os processos de análise e indexação da informação se desenvolvam. O autor salienta que a Linguística tem papel determinante na composição de conceitos e metodologias para análise documental, uma vez que apresenta os aportes teóricos e metodológicos necessários para o desenvolvimento dos produtos utilizados na organização e recuperação da informação. De acordo com Guimarães (2019), é notório que vários pesquisadores do campo da análise documental têm defendido a hipótese de que a Linguística deve oferecer os aportes teóricos e metodológicos para as operações que envolve a análise documentária.

Natali (1978, p.39) evidencia que os processos de escolhas pertinentes à análise documental são definidos a partir das necessidades operacionais. “Para tanto, impõe-se uma visão simplificadora da linguagem; abstraem-se propositalmente certos conceitos que ela desenvolve, o mesmo valendo para a semântica e semiologia atuais”.

Elencamos a seguir as contribuições da corrente Linguística estruturalista para o campo da análise documental, sendo esta a que oferece maior influência nos processos de análise documentária, seja na condição de fornecedora de princípios práticos, ou oferecendo suporte aos campos de estudos que servem de interface entre as áreas, a exemplo da Terminologia (GUIMARÃES, 2009).

Essa influência pode ser encontrada nos trabalhos desenvolvidos por Gardin na década de 1960, que recorrem a um conceito de signo proposto por Saussure para tratar qualquer símbolo, elemento do conjunto lexical, oferecendo como exemplos as palavras-chave, descritores e termos de indexação. De acordo com Gardin (1966), esses signos podem ser extraídos da língua natural ou de linguagens especializadas artificiais.

Gardin (1966) define signo de maneira ampla como qualquer palavra, estando estes na categoria de unidade de análise ou de parâmetro de análise sob a configuração de um termo de indexação. A autora se utiliza do conceito de signo para uma melhor compreensão das palavras e termos de indexação.

Guimarães (2009) destaca que áreas de estudo da Linguística, como a Lexicografia, contribuem de maneira aplicada para o desenvolvimento das linguagens documentais, cabendo a Lexicografia documental o estudo dos léxicos documentais e seus modos de construção.

O estruturalismo é uma corrente de estudos que buscou desenvolver métodos que pudessem imitar o mundo real com o propósito de torná-lo acessível. Barthes (1967) menciona os trabalhos Gardin como exemplo de estudos estruturalistas, uma vez que o autor tentou reconstruir um campo do conhecimento, a partir dos termos mais importantes da área buscando representar analogias entre os conhecimentos (BARTHES (1967, p.21-22).

Guimarães (2009) aponta como característica do método estruturalista: a decomposição e a composição. A primeira decompõe os elementos mínimos do objeto de estudo, identificando suas funções e princípios de funcionamento, enquanto a segunda estuda as relações entre os elementos comparando-os em busca de um modelo da realidade tratada (BARTHES, 1967, p.22-23).

Essas operações apresentam semelhanças com o processo de análise documental que tem entre seus objetivos a desconstrução e reconstrução de um sistema semelhante ao da língua. Nesta concepção a língua seria pensada enquanto estrutura, um sistema com elementos relacionados entre si, onde tais relações poderiam ser decompostas e posteriormente reconstruídas (GUIMARÃES, 2009).

A análise documental apresenta duas etapas básicas que, de acordo com Guimarães (2009), apresentam semelhanças com o método estruturalista, a saber, a fase de análise, onde o conteúdo documental é decomposto para a extração dos conceitos que traduzam o conteúdo documental e a síntese do documento com o objetivo a elaboração de conceitos que traduzam o documento em linguagens documentárias (CUNHA, 1989).

O estruturalismo prático pressupõe uma decomposição do sistema de signos em elementos isolados para análise, e o rearranjo arquitetônico de um modelo com as suas inter-

relações e funções. O estudo do sistema é feito a partir de seus elementos isolados um-a-um, a estes só serão atribuídos significados no processo de composição, que se assemelha a operação de síntese (resumo) na análise documental. De acordo com Barthes (1967), é totalmente possível a reconstrução de um todo significativo após a decomposição do sistema em unidades e a sua especificação (BARTHES, 1967).

Segundo esse modelo, os processos de análise documental permitiriam a recomposição do conhecimento em documentos, possibilitando a apreensão do conhecimento de um campo científico ou profissional.

Encontramos também relações entre a Linguística e a organização da informação no processo de tradução da linguagem natural para a linguagem artificial que pressupõe o entendimento de linguagem que alude diretamente à Linguística. A linguagem documental também compreende um sistema de signos que se relacionam entre si, sendo assim considerada um tipo de linguagem.

Para Cintra (1983, p.7): “A linguagem documentária é, pois, linguagem, exatamente porquê concretiza a capacidade simbólica do homem, através da organização de seus termos e regras em sistema próprio”. Entretanto, ao comparar a definição de Cintra com a noção clássica proposta por Saussure e outros estruturalistas sobre linguagem, que a define como soma da língua com a fala chega-se à conclusão de que “a noção de linguagem aplicada à análise documental não se fundamenta, exclusivamente, no estruturalismo” (GUIMARÃES, 2009, p.114).

Em uma outra interpretação da noção da linguagem, defendida por Guimarães (2009, p.114), “as linguagens documentais seriam línguas formalizadas, mas, por não apresentarem um mecanismo aperfeiçoado de execução do sistema por sujeitos, não manifestariam uma fala”. Sendo assim, portanto, o conceito estruturalista de linguagem não se aplica literalmente à linguagem documental.

Guimarães (2009) salienta que as relações entre os campos da Linguística e da organização da informação e do conhecimento foram estabelecidas tardiamente se comparado com outros campos de pesquisa, como o da computação. O contato entre as duas áreas só foi estabelecido a partir da década de 1960, no mesmo período em que foram estabelecidas semelhanças entre os processos documentais e a tradução automática (KOBASHI, 1996)

Em seus estudos Gardin afirma que qualquer linguagem documentária apresenta termos ou léxico, que se pressupõem unidades determinadas ou eixo paradigmático, e uma sintaxe (construção gramatical) que articula termos ou eixo sintagmático (NATALI, 1978; KOBASHI, 1996).

O conceito de léxico remete a ideia de um grupo de palavras executadas. O eixo paradigmático ou das relações associativas e o eixo sintagmático ou das execuções sequenciais explicitam como os conceitos básicos do estruturalismo linguístico embasam a definição de linguagem documental.

Para a construção das Linguagem documentais Lara (1999, p.156) utiliza os conceitos linguísticos oriundos do estruturalismo clássico, sendo estes: “estrutura, signo linguístico, sintagma, paradigma, plano de expressão, plano de conteúdo, sincronia, diacronia, língua, fala, forma e substância”. Para a autora, as noções básicas de estrutura linguística fundamentam a elaboração de metodologias para o desenvolvimento de linguagens documentárias baseadas num sistema de relações.

Guimarães (2009) destaca as relevantes contribuições da escola estruturalista da Linguística tanto no desenvolvimento das linguagens documentais, quanto nas diversas categorias teóricas usadas na análise documental. O estruturalismo fundamenta o desenvolvimento de conceitos, bem como na construção de técnicas e instrumentos usados na organização da informação e do conhecimento. De acordo com o autor (2009), o diálogo entre as disciplinas não foi produtivo em formulações teóricas e explicações de fenômenos, mas contribuiu para o desenvolvimento prático do campo da organização da informação e do conhecimento. Nas palavras do autor “[...] os aspectos teórico e explicativo do fenômeno da linguagem foram suplantados pelas determinações práticas” (GUIMARÃES, 2009, p.116).

Vogel (2007) ao voltar-se em seus estudos para os conceitos de estrutura e estruturação nas linguagens documentais, a partir da análise de diversas linguagens documentais em vocabulários controlados, tesouros, mapas conceituais, entre outros, afirma que todas as linguagens “lidam [...] com a noção de estrutura, mas nem tanto com o processo de estruturação que permitiria renovar e reorganizar continuamente o instrumento de organização de informação e de indexação” (VOGEL, 2007, p.116). Para Vogel (2007) as relações internas entre elementos é o atributo mais relevante na construção de instrumento de organização da informação.

O distribucionismo, em sua corrente anglo-americana, também influenciou a análise documental, inicialmente o distribucionalismo de Harris, depois a Semântica gerativa de Chomsky, Katz e Postal, e, posteriormente, a de Fillmore, Lakoff, McCawley e Bach (NATALI, 1978).

Segundo Guimarães (2009, p. 117), contribuição mais importante do distribucionismo para a análise documental é a noção de *corpus* que “constitui-se de elementos efetivamente realizados, tomando a forma de uma amostra”. A constituição de uma linguagem documentária

depende da seleção prévia de um *corpus*. Esse *corpus* é selecionado a partir do contexto em que opera as relações entre os elementos da língua, as palavras. A explicitação dessas relações é uma característica fundamental da análise documental.

Guimarães (2009) destaca que os conceitos Linguísticos do século XX influenciaram sobremaneira a organização da informação e do conhecimento, entre os conceitos utilizados por esse campo de estudo, a noção de signo, de linguagem e as relações entre significados em um campo semântico. O autor afirma que grande parte da linguagem utilizada pelos especialistas em análise documental provém do campo da Linguística, em seus conceitos e teorias.

Os estudos de Saussure e de Hjelmslev sobre as funções da linguagem, das Escolas de Praga, Copenhague e da estadunidense, bem como, os trabalhos de Greimas, Bloomfield, Chomsky, Fillmore e Pottier, que deram grandes contribuições para a análise documental (PINTO MOLINA, 1993).

A corrente funcionalista da Linguística também apresentou contribuições para o desenvolvimento do campo da Análise Documentária. Tendo como característica principal a valorização da comunicação verbal, o funcionalismo linguístico contribui para a análise documental sob duas perspectivas: a primeira voltada ao usuário, denominada de pragmática, resguarda a função de comunicação do sistema de informação. A linha comunicativa é defendida por Izquierdo Alonso (2000) (GUIMARÃES, 2009).

A segunda perspectiva considera que as linguagens documentais enquanto mecanismo que tem a responsabilidade de comunicar aos usuários o que existe. Nessa concepção, teriam as linguagens documentais a função de mediar a informação entre a linguagem do sistema e a do usuário, portanto, a função de comunicação ou de informar (GUIMARÃES, 2009).

Guimarães (2009) reconhece que a influência dessa corrente nem sempre é reconhecida, mas é possível identificá-la uma vez que a função de comunicar é uma das principais orientadoras da construção das linguagens documentais. Nesse sentido, Kobashi (1996, p.9) afirma que:

Todo ato documentário é um ato de comunicação que tem a finalidade de promover a circulação da informação.

Desse modo, para ser eficaz, o ato documentário requer, inicialmente, uma visão clara dos parâmetros específicos no interior dos quais instaura-se a situação comunicativa (objetivos institucionais, tipos de usuários e de demandas, estrutura organizacional, etc.). (KOBASHI, 1996, p.9)

Guimarães (2009) destaca ainda como contributo da Linguística o gerativismo de Chomsky na análise documental nas reflexões sobre indexação. Cintra (1983), por sua vez,

afirma que a sintaxe das linguagens documentais, assim como a Semântica, pode ser teorizada pelas vertentes estrutural e a gerativa.

A Análise Documentária (AD), a área responsável pelo tratamento do conteúdo textual, emprega um conjunto de procedimentos com o objetivo e apresentar o conteúdo do documento facilitando a sua localização e consulta (KOBASHI, 1994).

Cintra et al (2002, p.34) define análise documentária como “atividade metodológica específica no interior Documentação, que trata da análise, síntese e representação da informação, com o objetivo de recuperá-la e disseminá-la”.

Já para García-Gutiérrez a Análise Documentária é um processo que envolve a “captação e transformação das mensagens” (1990, p. 24), sendo a Linguagem Documentária o produto final desse processo, esta representa a “institucionalização da realidade num referente que [...] se converte em regulador da própria realidade analisada” (GARCIA GUTIÉRREZ, 1990, p.25, tradução nossa). Segundo Garcia Gutiérrez, “a análise e a Linguagem Documentária apresentam um componente pragmático absoluto”, uma vez que toda documentação que é produzida e disseminada tem por finalidade um tipo específico de comunicação e de receptor (GARCIA GUTIÉRREZ, 1990, p. 25, tradução nossa). O autor afirma que a Análise documentária consiste em destacar as ideias principais do documento para que, a partir destas ideias, seja possível construir uma síntese, denominada resumos ou símbolos documentários, que representará de forma fragmentária o documento. Essa síntese deve ser um contínuo do documento que possibilite a sua recuperação em sistemas de informação (GARCIA GUTIÉRREZ, 1990, p. 49, tradução nossa).

Para García-Gutiérrez a “Análise Documentária é parte da Linguística Documentária que se refere aos significados, ao texto e ao discurso em Documentação”, tendo esta como objetivo (1990, p. 50). A “Análise Documentária é uma análise de conteúdo com o objetivo de desenvolver categorias ou temas (GARCIA GUTIÉRREZ 1990, p. 51, tradução nossa).

Lara destaca como características dos processos da análise documentária: i) a representação, que consiste na síntese/resumo do texto documental, este apresenta uma relação de contiguidade e semelhança com o documento original. Neste processo é utilizada a Linguagem natural (LN) (LARA, 1993, p. 4, apud ANDRADE, 2010). ii) posteriormente, a representação do documento a partir da Linguagem Documentária, que tem a função normalizadora dos conceitos, significados e significantes do documento original ou conceituais presentes no documento original, a partir de elementos que possibilitem a classificação de áreas de assuntos (LARA, 1993, p. 4, apud ANDRADE, 2010).

Segundo Kobashi (2008, p. 48) a AD apresenta três aspectos inerentes que se apresentam em diferentes esferas: i) a esfera teórica - que determina o objeto de análise, “suas funções, métodos e procedimentos metodológicos”; a esfera de produção – onde são elaboradas as regras de criação dos diversos tipos de informação documentária; iii) a esfera pragmática - onde são reconhecidas as condições de aceitação ou não do usuário ao sistema de informação.

No processo de análise documentária, os textos são submetidos à análise exaustiva e sintetizados em novos textos, levando-se em conta a sua temática principal. Esses novos textos, produtos da análise documentária, podem ser chamados de resumos ou de linguagem documentárias de especialidades (KOBASHI, 2008). A informação documentária produzida a partir da análise documentária tem por função a relevância. Essa relevância deve possibilitar a identificação de itens informacionais que correspondam às necessidades informacionais do usuário, permitindo a este uma decisão mais assertiva sobre a consulta ou não do documento original (KOBASHI, 2008). Sendo assim, os processos de análise documentária têm buscado o aprimoramento de conceitos, metodologias e práticas, de modo a cumprir da melhor maneira possível sua função de relevância, com os objetivos citados anteriormente.

A elaboração da informação documentária é realizada em três etapas: leitura do texto; seleção da temática/conteúdo principal e, por fim, representação documentária das informações selecionadas, processo de grande importância e determinante para a eficácia da comunicação. Para a eficiência do processo, devem ser seguidos metodologias e parâmetros previamente estabelecidos que devem levar em conta objetivos organizacionais, o usuário e as demandas informacionais destes (KOBASHI, 2008).

Destaca-se, também, o caráter metalinguístico da Linguagem documentária, uma vez que se serve da linguagem natural para traduzir o documento em outra linguagem. Se, como Pietroforte (2005, p. 79) postula, “o trabalho do linguista é um trabalho de reconstrução de uma língua a partir dos vestígios que ela deixa nas línguas que dela se originam”, então, pode-se inferir que o trabalho do profissional analista documentário é reconstruir e reconstituir um documento de linguagem natural a partir do uso de uma linguagem controlada.

2.5 LINGUAGEM DOCUMENTÁRIA

Segundo Tálamo (1997), o termo linguagem documentária (LD) surge na década de 1970 a partir do aparecimento dos tesouros, com o propósito de organizar, representar, recuperar e comunicar informações. Elas são denominadas também por linguagem de indexação, vocabulários controlados, linguagens de recuperação, entre outras. Kobashi (2007) afirma que:

A perspectiva histórica, com especial destaque para reflexões filosóficas e linguísticas, é importante para compreender como ela se constituiu. A história do campo mostra que aqueles que se dedicaram às ações de informação, no afã de produzir instrumentos funcionais, procuraram na Filosofia, na Filosofia da ciência, na Filosofia da linguagem, na Lógica e na Linguística, os fundamentos necessários para enfrentar esses desafios. Nossos antecessores – Dewey, Otlet, Bliss, Ranganathan, Gardin, Austin, Dahlbert, Hutchins – demonstram com clareza os movimentos feitos para elaborar teorias sobre as linguagens documentárias e, principalmente, construí-las (KOBASHI, 2007, p.6).

Alves et al. (2014) destaca como foco principal da linguagem documentária a análise e a criação de normas de padronização para as áreas de especialidade, propiciando o desenvolvimento de modos eficientes para a representação da informação e sua recuperação.

As linguagens documentárias são definidas por linguagens formais e artificiais, ou seja, uma linguagem construída a partir de critérios e normas próprias pertinentes à determinada área do conhecimento, conhecidas como modelos de representação do conhecimento, que objetivam descrever conteúdos documentais. Elas são empregadas nos sistemas documentários, nos processos de indexação, armazenamento e recuperação da informação e têm por objetivo o controle do uso de uma terminologia específica (CABRÉ, 1999).

De acordo com Gardin (apud CINTRA et al., 2002, p.35), uma linguagem documentária é um conjunto de termos utilizados na representação de conteúdo documentário com vistas a “classificação ou busca retrospectiva da informação”.

Segundo Garcia Gutiérrez, o objetivo da linguagem documentária é

[...] levar as estruturas do conhecimento e de entendimento aos usuários por meio da síntese contextual, através de qualquer expressão formal como ocorre em Linguagem Natural. Outro método que tenha como objetivo uma formalização precisa da descrição na área ou submeter as ideias a uma rigidez na estrutura do significado, nos conduzirá a uma perda substancial do espírito e da informação do documento (GARCIA GUTIÉRREZ, 1990, p. 27).

As linguagens documentárias são divididas em pré-coordenadas e pós-coordenadas. As primeiras combinam termos durante o processo de indexação e são usadas em sistemas analógicos (manuais), a exemplo de catálogos de bibliotecas, bibliografias e índices. As segundas, combinam termos durante o procedimento de busca no sistema, que neste caso é automatizado, a exemplo das bases de dados, bibliotecas e centros de documentação informatizados (VALE, 1987). São exemplos de linguagens pré-coordenadas: os Cabeçalhos

de assuntos, a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU). Já como exemplo de linguagens pós-coordenadas temos os Tesouros.

É importante ressaltar que as linguagens documentárias resultam do processo de síntese documental. Fujita (1999) destaca que os processos de análise e síntese implicam que os textos passam por uma “desestruturação” para a elaboração do texto documentário. Sendo assim, no processo de análise:

o texto é segmentado, os conceitos são identificados e selecionados; e para a síntese há um processo de condensação do texto e a elaboração de um texto documentário que é um resumo, não somente no sentido da produção de um conjunto de frases e enunciados sintetizando o documento, como palavras-chave e notações de classificação (FUJITA, 2009, p. 82)

Para Cintra et al (2002, p. 34,40), as Linguagens Documentárias, assim como LN, “são sistemas simbólicos instituídos que visam facilitar a comunicação”. As mais utilizadas são “os tesouros e os sistemas de classificação bibliográficos”. As duas se diferem pela intensidade da reprodução das relações presentes na linguagem natural e no campo do conhecimento que abrange. Entretanto, a literatura mostra que além dessas, existem as Ontologias e as Taxonomias.

O *Tesouro* é um tipo de vocabulário controlado onde os termos-descriptores mantem relações semânticas e genéricas, abrangendo uma área do conhecimento, sendo este um instrumento de controle terminológico que utiliza as LDs com vistas a tradução da linguagem natural dos documentos (ROBREDO, 2005).

As *taxonomias* e *ontologias* são tipos de vocabulários controlados. Currás (2005, p. 60, tradução nossa) define taxonomia como: [...] “uma linguagem controlada. Uma lista organizada de palavras e frases, ou sistemas de notações que é utilizada para iniciar um processo de indexação e recuperação da informação”. [...] “esquema de navegação ordenado hierarquicamente”. Portanto, instrumentos que organizam a informação de forma lógica. Segundo Campos, a organização das informações por meio do conceito de *Taxonomia* possibilita designar, recuperar e comunicar informações a partir de um sistema de maneira lógica (CAMPOS, 2007). Já as *Ontologias* são definidas por Santos (2016, p.25) como:

instrumentos de indexação que apresentam uma estrutura de termos e as relações entre eles na perspectiva do sujeito e da linguagem de um determinado domínio. Apresentam-se como alternativas viáveis para organizar o conhecimento em ambiente Web na forma de uma teia de relações permitindo a ligação entre os conceitos.

As LD's são representadas por palavras da Linguagem Natural (LN) e por terminologias de especialidade, constituindo um léxico próprio de determinada área de especialidade

(CINTRA et al., 2002, p. 42-44). Para demonstrar isso, Lara (1993) construiu um quadro (ver Quadro I) no qual demonstra as particularidades de cada uma.

Quadro 2 - Diferença entre Linguagem Natural, Linguagem Artificial e Linguagem Documentária.

Linguagem Natural (LN)	Linguagem Artificial (LA)	Linguagem Documentária (LD)
Formas escritas secundárias em relação as formas orais.	Formas escritas fundamentais	Formas escritas fundamentais.
Os lexemas não têm significação unívoca.	Os significados são altamente padronizados. Univocidade de significação.	Os significados devem ser fixados visando a univocidade de interpretação, embora não se possa garantir totalmente.
Dinâmica	Estática	Estática
Usa-se a língua para falar dela mesma	É necessário usar LN para falar de LA.	É necessário usar LN para comunicar LD.
Tem regras, mas não é necessário saber das regras para usá-la.	Regras preestabelecidas. Fundamental obedecer às regras. Linguagem altamente simbólica.	Regras pré-estabelecidas. Fundamental obedecer às regras, embora se reconheça a semelhança com as palavras da LN. Pode integrar elementos de LA.
Não tem uma função específica, mas funciona em muitos contextos e para diferentes objetivos.	Elaborada para desempenhar funções específicas.	Elaborada para desempenhar uma função particular; representar a informação buscando a recuperação.
Tem inúmeras funções geles: função expressiva (estética), descritiva (informativa, referência), valorativa, prescritiva.	Desempenha principalmente a função descritiva (informativa, referencial) e prescritiva.	Desempenha principalmente a função descritiva (informativa, referencial) e prescritiva.
Tem produtividade (1º e 2º articulações).	Não tem produtividade.	Não tem produtividade.
Pouco formalizada.	Altamente formalizada	Relativamente formalizada.
Alto poder combinatório.	Médio poder combinatório.	Baixo poder combinatório.

Fonte: LARA (1993)

Para Dodebei (2002, p.53), os vocabulários das linguagens documentárias “tomam como modelo as relações paradigmáticas e as relações sintagmáticas existentes entre as palavras”. A autora destaca que as linguagens documentárias têm como funções primordiais: organizar o campo conceitual, servir como ferramenta de distribuição de documentos e controlar dispersões léxicas no processo de análise documentária.

A linguagem documentária é composta por três elementos que atuam de forma integrada (GARDIN apud CINTRA et al, 2002, p.35-36).

- i) *léxico* - lista de descritores/palavras previamente selecionados por profissionais da informação;
- ii) *rede referencial lógico-semântica* - utilizada para traduzir determinadas relações entre descritores, também chamada de classificação. A rede tende a ilustrar de

maneira mais clara e objetiva as relações entre termos e as hierarquias subjacentes entre descritores e conceitos;

- iii) *conjunto de sintagmas* - expressam as relações entre os descritores dentro de contextos específicos. Os sintagmas são construídos a partir de regras sintáticas que coordenam os termos que representam o tema.

A partir da leitura documentária e compreensão do conteúdo é possível identificar e selecionar os conceitos que possibilitem uma melhor representação dos elementos indicadores do conteúdo do documento.

Destaca-se, também, o caráter metalinguístico da Linguagem documentária, uma vez que se serve da linguagem natural para traduzir o documento em outra linguagem. Se, como Pietroforte (2005, p. 79) postula, “o trabalho do linguista é um trabalho de reconstrução de uma língua a partir dos vestígios que ela deixa nas línguas que dela se originam”, então, pode-se inferir que o trabalho do profissional analista documentário é reconstruir e reconstituir um documento de linguagem natural a partir do uso de uma linguagem controlada.

2.6 LINGUÍSTICA E ANÁLISE DOCUMENTÁRIA

Apesar dos avanços das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), que possibilitou aos usuários o acesso ilimitado à informações em bancos de dados *online*, os problemas com a recuperação da informação e satisfação das necessidades dos usuários continuam os mesmos encontrados nos últimos trinta anos, devido a não utilização ou subutilização da Linguística aplicada à documentação (GARCIA GUTIÉRREZ, 1998).

Garcia Gutiérrez (1998, p.1) afirma que: “Estamos, portanto, diante do desafio histórico de acompanhar o desenvolvimento tecnológico necessário arbitrado por engenheiros e tecnólogos com modelos, aparato conceitual e fornecido pelos humanistas e metodologias cientistas sociais” (GARCIA GUTIÉRREZ, 1998, p.1).

O autor destaca a importância da consolidação e ampliação da linguística documental enquanto disciplina fundada nos princípios da ciência da linguagem, semântico e gramatical e as suas interseções com campos afins, como a Análise do discurso, Análise de conteúdo e nas chamadas ciências cognitivas (GARCIA GUTIÉRREZ, 1998). Segundo Garcia Gutiérrez (1990), a linguagem da documentação sendo artificial e restrita está determinada pela linguagem natural, tendo, contudo, certas limitações:

- 1) O fenômeno da fala não interessa enquanto instrumento fônico de expressão, nem sua origem ou evolução. A Linguística Documentária se

interessa pela formação convencional das linguagens fechadas e pela transmissão de mensagens documentárias através de qualquer elemento significativo.

2) Não se considera o uso da língua ou da linguagem na comunicação geral, mas no âmbito dos processos científicos e informativos estabelecidos através de Documentos.

3) Prevalece o interesse social de seu uso sobre o individual, entendendo por social sua canalização massiva em setores conscientes de sua utilização. Supõe, portanto, premeditação e, no ato espontâneo, desde a mesma construção de linguagem até a sua aplicação social.

4) Trabalhamos com vocabulários, normas e sistemas fechados frente ao caráter aberto da língua natural (GARCIA GUTIÉRREZ, 1990, p.31).

Andrade (2010) afirma que apesar da Linguística Documentária descartar o uso da Linguagem Natural (LN) na comunicação e nos processos que envolvem a organização da informação,

[...] é a partir da análise do mecanismo de funcionamento da língua e da Linguagem Natural, no que se refere ao entendimento de como se dão as possibilidades de comunicação, interpretação e a representação, é que, por analogia, são estabelecidos os elementos para construção e uso de linguagens que darão conta de organizar, representar e comunicar informações em ambientes institucionais (ANDRADE, 2010, p.27).

A partir dos trabalhos de Garcia Gutiérrez (1990) e de Tálamo e Lara (2006) é possível afirmar que a Linguística Documentária tem suas bases na Linguística Estruturalista e aplicada (ANDRADE, 2010). Para Garcia Gutiérrez (1990, p.35):

O método estrutural busca a existência de uma ordem e de estrutura imersas em uma fenomenologia externa e confusa, a língua, interessando mais pelas relações entre elementos que pelos elementos mesmos. O objetivo é descrever os níveis formal (significante) e ideológico (significado) da linguagem através de sua desconstrução e do fluxo existente entre ambos os planos.

Segundo García Gutiérrez (1990, p.35), o Estruturalismo propõe um estudo descritivo da língua de forma metodológica “[...] através do estabelecimento de oposições entre seus elementos e da interação destes elementos entre si”. A estrutura pressupõe estratificação e hierarquização de conceitos, seus elementos são definidos através das relações que estes mantêm. “Texto, enunciados e termos são níveis da língua e ocupam lugar respectivo. A estrutura é gerada quando se observa a materialização das relações que os envolvem no mesmo processo discursivo”.

O autor salienta que é possível utilizar o método estruturalista na construção da Linguagem Documentária para a “criação das relações artificiais entre os elementos

constituintes de um vocabulário, a partir das relações naturais, com a finalidade de criar uma estrutura de representação e síntese de uma determinada área do conhecimento” (GARCIA GUTIÉRREZ, 1990, p. 35).

Já Tálamo e Lara (2006, p.208) afirmam que para elaboração da Linguagem Documentária é primordial o domínio das estruturas do sistema linguístico. As autoras definem a Linguagem como “uma organização, um sistema, uma estrutura” que possibilita identificar os significados das palavras a partir das posições que ocupam na estrutura, o que só será possível a partir do conceito de valor proposto por Saussure.

As autoras afirmam que o conceito de valor é essencial no estabelecimento das relações entre diferença e identidade. Segundo as autoras, o significado é definido “tanto como valor negativo, paradigmático (uma palavra significa tudo o que as outras não significam), quanto como valor positivo, sintagmático (uma palavra significa a partir daquelas que a rodeiam)”, ou seja uma palavra significa a partir do contexto em que se insere (TÁLAMO; LARA, 2006, p.208).

Sobre o aspecto conceitual do valor linguístico, Saussure afirma que o conceito dos signos está relacionado ao significante não a partir de um processo unitário, signo por signo, mas a partir de seu conjunto, o que possibilita que o processo de associação seja compreendido. O significado, portanto, é atribuído a partir de uma relação de oposição de um signo com os demais signos (SAUSSURE, 2002, p. 136).

Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são (SAUSSURE, 2002, p. 136).

Sendo a definição negativa inalterável na língua, mas modificável na fala, devido as infinitas possibilidades de combinações entre palavras. “A determinação do significado de suas unidades pressupõe seu relacionamento mútuo e sua posição na organização do conjunto” (TÁLAMO; LARA, 2006, p.208).

Segundo Andrade (2010, p.27), é através da análise dos processos de funcionamento da Linguagem Natural (LN), das suas possibilidades de comunicação, interpretação e a representação que, por meio de analogia, são selecionados os elementos para construção e uso das linguagens documentárias usadas para organização, representação e comunicação de informações em ambientes institucionais.

Andrade (2010, p.30) afirma que o campo da Linguística Documentária tem suas bases na Linguística Estruturalista e aplicada para a elaboração de Linguagens Documentárias, uma vez que

é a partir de conceitos como: “estrutura, valor, signo, forma, substância, conteúdo e expressão” observados nos mecanismos de funcionamento da Linguagem Natural que é possível o desenvolvimento de instrumentos de organização, recuperação e comunicação da informação.

A análise Documentária diz respeito à uma operação que contribui para a organização e o tratamento da informação. Essa operação é parte da linguística documentária, a qual está fundamentada na linguística estruturalista e contribui para a construção de linguagens documentárias. As linguagens documentárias, por sua vez, funcionam como ponte entre a linguagem do usuário e a linguagem do sistema, contribuindo para a padronização dos termos e, conseqüentemente, para o processo de busca e recuperação da informação.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CONTEXTO DA PESQUISA

Para melhor compreensão sobre os assuntos pesquisados nesse trabalho, foi realizada na primeira fase do estudo uma pesquisa exploratória e descritiva. A pesquisa exploratória se configura como o levantamento de forma extensiva sobre o assunto pesquisado, o que possibilita uma visão geral sobre o tema e uma melhor familiaridade com o problema, uma vez que permite ampliar os horizontes sobre determinado assunto e a percepção de novas abordagens (RAUPP; BEUREN, 2004).

De acordo com Gil (2002), as pesquisas exploratórias possibilitam a elucidação de conceitos e ideias sobre determinado assunto, possibilitando uma melhor formulação e delimitação do problema ou das hipóteses da pesquisa a ser realizada. As pesquisas exploratórias proporcionam uma visão geral do tema de pesquisa aproximando o pesquisador do objeto de pesquisa.

Já a pesquisa descritiva consiste na observação, registro, análise, interpretação, classificação dos fatos, e o estabelecimento de relações entre as variáveis levantadas no âmbito da pesquisa, sem a interferência do pesquisador que é só um mero expectador (RAUPP; BEUREN, 2004). Na segunda fase do estudo utilizamos como metodologia a análise do conteúdo, que possibilitou identificar as correntes de pesquisa seguidas pelos autores nos trabalhos analisados.

O corpus de análise foi selecionado com base na necessidade de elucidar as dúvidas pertinente às temáticas relacionadas às áreas de conhecimento no campo da Ciência da Informação. Buscou-se a desambiguação entre terminologias e campos de estudos, tais como: Linguística Documentária e Linguagem documentária, utilizados muitas vezes como sinônimos e Análise documentária e Indexação, que a partir das abordagens das correntes inglesas e francesas podem possuir sentidos diferentes.

3.2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Paralelamente à leitura das produções bibliográficas da área, foram realizadas buscas no Portal CAPES e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do IBICT, relativo às temáticas Linguística Geral, Terminologia, Documentação e Linguística Documentária.

Visando recuperar um número de resultados que pudessem contribuir para oferecer melhor visão da pesquisa, os termos também foram combinados, como citados adiante.

Posteriormente, passou-se para a análise de conteúdo do material levantado, conforme relatado adiante, buscando relacionamentos entre as respectivas temáticas elencadas, tendo como foco principal a relação da Linguística com as demais áreas e descrição do fenômeno pesquisado. “A análise de conteúdo trabalha a palavra” (Bardin (2002 p. 43-44), ou seja, a língua utilizada de forma prática, levando em consideração os conteúdos e suas significações, ocasionalmente a forma e distribuição desse conteúdo. É uma técnica de análise qualitativa que tem como objeto de análise a mensagem, sendo seu principal objetivo “a manipulação de mensagens (conteúdos e expressões de conteúdos), para evidenciar indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem” (BARDIN, 2002, p.46).

Berelson (1954, p. 489, apud RICHARDSON, 1999, p.221) conceitua a análise de conteúdo como uma “técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. De acordo com o autor, todas as informações escritas em jornais, revistas, livros e entrevistas são mensuráveis, a codificação de elementos da mensagem permite realizar correlações que possibilita a explicação da informação escrita.

3.3 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

No processo de busca, em uma primeira etapa, foram utilizados os seguintes termos: Linguística Geral, Documentação, Linguística Documentária, Linguagem Documentária, Análise Documentária. Já na segunda etapa, com o propósito de ampliar a pesquisa, fizemos combinações com os seguintes termos: Linguística e Documentação, Linguística e Linguística Documentária, Linguística e Análise Documentária e, por fim, Linguística e Linguagem Documentária. Desse resultado, optou-se por trabalhar com produções bibliográficas do Grupo Temma, grupo de pesquisa voltado para a área da organização da informação e do conhecimento, com destaque para o campo da Análise Documentária, constituído por pesquisadores da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). A partir da análise do conteúdo e das referências dos trabalhos levantados foi possível identificar os principais estudos produzidos no âmbito internacional, estes foram recuperados através de buscas no Google.

Após a escolha do *corpus*, passou-se para a fase de leitura flutuante, com vistas a escolher os textos que pudessem nos esclarecer quanto ao problema da pesquisa: apresentar as variações de uso para os termos: linguística documentária e linguagem documentária, bem

como termos correlatos. A leitura flutuante é realizada para se conhecer o documento que será explorado. A partir das hipóteses e teorias de pesquisa emergentes, a leitura se torna mais precisa (BARDIN, 2002).

3.4 SELEÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

A escolha dos textos para o desenvolvimento desse estudo utilizou os critérios de relevância sobre as temáticas abordadas e as fontes de informação, bem como a relação dos temas com os objetivos da pesquisa desenvolvida.

As buscas nas bases de dados da CAPES e BDTD recuperaram as seguintes ocorrências:

Quadro 3 – Itens recuperados nas bases de dados da Capes e BDTD

Termo	Palavra-chave, Resumo e Título
Linguística Documentária	15
Linguística Documental	11
Linguagem documentária	100
Linguagem Documental	39
Análise Documentária	90
Total	255

Fonte: A autora (2019)

Após análise dos itens recuperados, foram selecionados inicialmente 96 publicações que tratavam das temáticas abordadas. Posteriormente, o trabalho de análise do conteúdo possibilitou a seleção de 48 itens relevantes ao estudo desenvolvido, sendo 21 documentos nacionais e 27 internacionais. O material selecionado foi separado por categorias de abordagem a saber, Linguística Documentária, Linguagem Documentária e Análise documentária para uma melhor abordagem.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Através da pesquisa foi possível verificar nas leituras do texto o uso frequente dos termos *Linguística Documentária* e *Linguagem documentária* de forma recorrente como sinônimos, sendo que o termo ‘Linguagem’ é o objeto de estudo da *Linguística* que tem entre os seus objetivos o desenvolvimento de diretrizes e normas para a construção de *Linguagens documentárias*.

No caso da *Linguística Documentária*, apesar de ser um campo de estudo proposto há quase três décadas, o estudo demonstrou que o mesmo ainda não se consolidou. Não existe um consenso sobre o campo de estudo entre os pesquisadores, que pouco o mencionam em seus estudos ou mencionam enquanto sinônimo de *linguagem documentária*. Durante as buscas nas bases de dados foram recuperados 26 trabalhos, a partir dos termos *Linguística Documentária* e *Linguística Documental*, sendo que apenas 4 tratavam sobre a temática. Estes tinham como principal objetivo a conceituação e delimitação das fronteiras desse campo de estudo.

Já a *linguagem documentária* aparece em diversos estudos, com grande variedade de abordagens teóricas e metodológicas. As abordagens sobre essa temática se cruzam com os estudos sobre *análise documentária* e *indexação*. Durante as buscas nas bases encontramos 139 ocorrências para os termos *Linguagem documentária* (100) e *Linguagem Documental* (39).

Sobre a *Análise documentária* (vertente francesa) percebemos que existe uma ambiguidade terminológica no uso do termo que muitas vezes é combinado em um único estudo com *indexação* e *catalogação de assunto* como se fizessem parte de um mesmo processo. Tal ambiguidade se deve à falta de clareza nas abordagens que trabalham com as três correntes de estudos (*análise documentária*, *indexação* e *catalogação por assunto*) combinadas, mas que não deixam isso evidente para o leitor. Para este termo recuperamos 90 ocorrências nas bases.

Apesar de no Brasil ter se adotado a vertente francesa, que dá ênfase aos procedimentos voltados para a atividade de representação do conteúdo, verificamos durante o levantamento bibliográfico que existem também vários estudos com enfoques nas correntes inglesa e norte-americana.

5 CONSIDERAÇÕES

Como inferimos, os resultados demonstraram que não há consenso para as nomenclaturas *Linguística Documentária* e *Linguagem documentária*. Além disso, nas pesquisas realizadas, ficou evidente que muitos textos não discernem as linhas teóricas nos quais estão inseridos, ora utilizando textos de uma corrente, ora utilizando textos de outra corrente. Existem três correntes teóricas perpassando os artigos e livros pesquisados, entretanto, isso não fica evidente e percebeu-se, também, que os próprios autores não se situam epistemologicamente em alguma das correntes. Não pudemos comprovar a corrente mais utilizada no país, o que nos incita a continuar a pesquisa e aprofundar essas questões.

Ressaltamos, também, a ênfase da linguagem documental como função referencial e função metalinguística tendo em vista que o código constituído por essas linguagens não inclui adjetivações e outras questões linguísticas e tem por finalidade traduzir outro código inicial do qual originou o sistema, ou seja, a linguagem expressa nos próprios documentos. Finalmente, salientamos que essa pesquisa pode contribuir como material de pesquisa para ensino na graduação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. C. de. **Elementos de linguística e semiologia na organização da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.
- ALVES, E. C. et al. **Práticas de pesquisa e abordagens contemporâneas em Ciências da Informação**. João Pessoa: UFPB, 2014.
- ANDRADE, J. A **Linguística Documentária e a Análise de Domínio na Organização da Informação**. 2010. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação — Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2010.
- BRIET, S. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Edit, 1951.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BARTHES, R. A actividade estruturalista. In: **Estruturalismo**: antologia de textos teóricos. Eduardo Prado Coelho. Lisboa: Portugalia, [1967], p.19-27. (Coleção Problemas, 24).
- CABRÉ, M. T. **La terminología: representación y comunicación**. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999. 369 p.
- CAMPOS, M.L.de A. **Linguagem documentária**: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói : Ed. da Universidade Federal Fluminense, 2001.
- CHAUMIER, J. **Analyse et langages documentaires**: Le traitement linguistique de l'information documentaire. Paris: Moderne d'Édition, 1982.
- CINTRA, A.M.M. et al. **Para entender as linguagens documentárias**. São Paulo: Polis. 2002.
- COLL-VIENENT, R.; BERNAL CRUZ, F. J. **Curso de documentación**. Madrid: Sossat, 1990.
- CUNHA, I. M. R. F. Análise documentária. In: SMIT, J. W. (Coord.). **Análise documentária**: a análise da síntese. 2.ed. Brasília: IBICT, 1989, cap.3, p.39-62.
- CURRÁS, E. **Ontologías, taxonomía y tesauros**: manual de construcción y uso. 3. ed. Gijón: Trea, 2005.
- DAHLBERG, I. Knowledge organization and Terminology: philosophical and linguistic bases. **International Classification**, Frankfurt, v. 19, n. 2, p. 65-71, 1992.
- _____. A referent-oriented analytical concept theory of interconcept. **International Classification**, Frankfurt, v. 5, n. 3, p. 142-150, 1978.
- _____. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978b. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/download/1680/1286>>. Acesso em: 22 maio. 2019.

DODEBEI, V. L. D. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

DUBOIS, Jean Et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix. 2014.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 281-288, set./dez. 1995.

FOX, V. **Análisis documental de contenido**: principios y prácticas. Buenos Aires: Alfagrama, 2005.

FRANCELIN, M. M. **Ordem dos conceitos na organização da informação e do conhecimento**. 2017. Tese de Doutorado em Ciência da Informação — Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-29102010-125600/pt-br.php>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: O Dicionário da Língua Portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

FUJITA, MSL., org., et al. **A indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias**. Um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 149 p. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em 10 jun. 2019.

GARDIN, J.C. Éléments d'un modèle pour la description de lexiques documentaires. **Bulletin des Bibliothèques de France**, v.11, n.5, p.171-82, 1966.

GARDIN, J. C. **La logique du plausible**. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'homme, 1981.

GARCIA GUTIÉRREZ, A. L. Elementos de linguística en sistemas de información y documentación. **Revista Latina de Comunicación Social**, n.7, jun. 1998. Disponível em: <http://www.revistalatinacs.org/a/66ant.htm>. Acesso em: 28 abr. 2019.

_____. **Estructura lingüística de la documentación**: teoría y método. Murcia: Universidad de Murcia, 1990.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRUBER, T.R. A translation approach to portable ontologies. **Knowledge Acquisition**, v. 5, p. 199–220, 1993. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1042814383710083?np=y>. Acesso: 30 maio. 2019

GUIMARÃES, J. A. C. Abordagens teóricas de tratamento temático da informação (TTI): catalogação de assunto, indexação e análise documental. In: GARCÍA MARCO, F. J. **Avances y perspectivas en sistemas de información y documentación**. Ibersid, Zaragoza, 2009, p. 105-117.

KOBASHI, N. Y. **A elaboração de informações documentárias**: em busca de uma metodologia. São Paulo: USP, 1994. Tese de doutorado.

_____. Análise Documentária e representação da informação. **Revista Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 5-27, 1996.

_____. Fundamentos semânticos e pragmáticos da construção de instrumentos de representação da informação. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, v.8, n.6, 2007. Disponível em: <<http://dgz.org.br>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

_____. Linguística textual e elaboração de informações documentárias: algumas reflexões. In: Nádea Regina Gaspar; Lucília Maria Souza Romão. (Org.). **Discurso e texto: multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação**. São Carlos: EduFscar, 2008, v. 1, p. 47-66.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e prática. 2. ed. rev. atual. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

LARA, M. L. G. Linguagem documentária e terminologia. **TransInformação**, Campinas, v. 16, n. 3, p.231-240, set./dez. 2004.

LAVILLE, C. e DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LÓPEZ YEPES, J. **Diccionario enciclopédico de Ciencias de la Documentación**. Madrid: Síntesis, 2004.

MARTÍNEZ DE SOUZA, J. **Diccionario de Bibliología y ciencias afines**. Madrid: Fund. Germán Sánchez Ruipérez, 1989.

MENDONÇA, Ercília Severina. A linguística e a ciência da informação: estudos de uma interseção. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 50-70, 2000. Brasília, v. 29, n. 3, p. 50-70, 2000.

NATALI, J.W. Documentação e Linguística: inter-relação e campos de pesquisa. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v.11, n 1-2, p. 33-42, jan./jun., 1978

NEET, H. E. **L'analyse documentaire**: notes et documentation destinées aux étudiants de l'École de Bibliothécaires. Génève : Institut d'Études Sociales. École de Bibliothécaires, 1989.

ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, v.5, n.5, out., 2004. Disponível em: < <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/7649> >. Acesso em: 03 jun. 2019

OTLET, P. **O trata da documentação o livro sobre o livro teoria e prática**. Tradução Taiguara Villela Aldabalde et al. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2018. 742 p.

PIETROFORTE, A. V. A. Língua como objeto da Linguística. In. FIORIN (Org.). **Introdução à Linguística**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

PINTO MOLINA, M. **El resumen documental**: principios y métodos. Madrid; Salamanca: Fundación Germán Sánchez Ruiperez ; Madrid : Pirámide, 1992

_____. **Análisis documental**: fundamentos y procedimientos. Madrid; EUDEMA, 1993.

RAUPP, F. M.; BEUREN, Ilse Maria (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROBREDO, J. **Documentação de hoje e de amanhã**: uma abordagem revisitada e contemporânea da Ciência da Informação e de suas aplicações biblioteconômicas, documentárias, arquivísticas e museológicas. 4. ed. revista e ampliada. Brasília, DF: Edição de autor, 2005. 409 p.

RUIZ PEREZ, R. **El analisis documental**: bases terminológicas, conceptualización y estructura operativa. Granada : Ed. Universidad de Granada, 1992.

SANTOS, R. F. dos. **Modelos colaborativos de indexação e sua aplicabilidade na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17218>. Acesso em: 24 jun. 2019.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 26.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TALAMO, M.F.G.M. **Linguagem Documentária**. São Paulo: APB, 1997. (Ensaio APB, n. 45).

_____. G. M.; LARA, M. L. G. O campo da Linguística Documentária. **Transinformação**, Campinas, v. 18, n.3. p. 203-211, 2006. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewissue.php?id=14>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

VOGEL, M. J. M. **A noção de estrutura linguística e de processo de estruturação e sua influência no conceito e na elaboração de linguagens documentárias**. São Paulo: ECA-USP, 2007. Dissertação de Mestrado.